

Espelho / Reflexão¹

Estádio, Estalo, Epitáfio

Potiguara M Silveira Jr²

(...) Podemos pensar no anúncio de Deus pela boca de Pascal: “não me buscarias se já não me houvesse encontrado”. Por exemplo, no momento do nascimento, no Estalo do Espelho (e não no Estádio do Espelho de Lacan), uma exasperação [Gnoma] dessa ordem que aponte. Tenho que contar com isto, se não perdido, pelo menos indiferenciado no tempo.

MD MAGNO ([1996], p. 193)

Segue um roteiro do percurso da montagem da Experiência do Espelho no desenvolvimento conceitual da NovaMente. Como se verá, não há continuidade entre os raciocínios e os desdobramentos trazidos pelos três autores: Henri Wallon, Jacques Lacan e MD Magno. Cada um tomou a ideia segundo e seguindo os protocolos dos projetos que empreendiam.

¹ Apresentado, em 18 novembro 2023, como relatório das atividades do Polo de Estudos da Formação em Psicanálise (NovaMente / RJ). Componentes do Polo: Marcelo V. Sant’Anna, Maria Inês Carneiro, PMSJr e Rosane Franco.

² Professor Titular aposentado (UFJF). Doutorado (Eco/UFRJ). Formação em Psicanálise (NovaMente/RJ).

ROTEIRO

Henri Wallon, em [1931], apresenta a *Experiência do Espelho*, que ele destaca ao pesquisar “mediante quais graus a criança chega a realizar uma noção suficientemente coerente e unificada de seu ser físico”. Tratava-se, para ele, de um “problema de psicogênese” (p. 121) a ser abordado como experiência para além do reconhecimento de fatos da vida orgânica na vida psíquica.

Ele critica justamente o raciocínio frequente de buscar reconhecer correlações orgânicas nos fatos da vida psíquica e tomar a sensibilidade do corpo próprio, ou cenestesia, “como substrato do sentimento de personalidade” (p. 121). Há na criança, entre seus seis e dezoito meses de idade, a *intervenção da experiência de sua imagem no espelho*. É a presença dessa experiência que vai dar existência à imagem que ela vê. Mas a existência segundo a qual ela anima a imagem “não é mais sua própria existência, indivisa entre sua imagem exteroceptiva e sua intuição proprioceptiva, e sim uma existência distinta da sua” (p. 148). Ou seja, ela aprende a diferenciar-se de outros seres. E mais, ela “realiza algo novo que resolve uma dificuldade, (...) ela integra numa espécie de unidade superior o que ainda não apresentava para ela uma ligação determinada” (p. 144). Assim, com a unificação de seu campo perceptivo, opera-se a unificação

de sua continuidade mental. A representação de seu corpo próprio só se forma ao se exteriorizar mediante essa experiência.

Lacan, em 1936 (e retomando em 1949), vai chamar de *Estádio do Espelho* essa descrição dos processos da criança desde seu nascimento até um ano e meio de idade. Diz ele que a experiência do espelho promove para um *infans* (ainda lactente e impotente quanto a motricidade) a “assunção jubilatória” da imagem especular, e “manifesta uma situação exemplar da matriz simbólica em que o *eu (je)* se precipita como uma forma primordial” (p. 94).

Além disso, essa forma “situa a instância do *ego (moi)*, bem antes de sua determinação social, numa linha de ficção, [que será] para sempre irreduzível para aquele indivíduo específico” e que só alcança seu tornar-se, seu vir a ser, de forma assintótica. Isso é assim, “qualquer que seja o sucesso das sínteses dialéticas mediante as quais ele, enquanto *eu*, deve resolver sua discordância para com sua própria realidade” (p. 94).

A “forma total do corpo mediante a qual ele adianta numa miragem a maturação de sua potência só lhe é dada como *Gestalt* (...) mais constituinte do que constituída” (p. 95). Essa *Gestalt* aparece para o *infans* com dois aspectos: (a) “num relevo de estatura que a congela”, e (b) “sob uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência dos movimentos que ele sente que o

animam”. (Este segundo aspecto é um ponto importante para Magno em sua leitura do que se passa aí). Para Lacan, essa *Gestalt*, em seus dois aspectos de surgimento, “simboliza a permanência mental do *eu (je)* ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante” (p. 95). Há uma “armadura assumida de uma identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida todo seu desenvolvimento mental” (p. 97).

No mais, como decorrência para outros desenvolvimentos, registre-se o que ele comenta no penúltimo parágrafo de seu texto: “o sentimento de altruísmo é sem promessa para nós que percebemos com clareza a agressividade que subtende a ação do filantropo, do idealista, do pedagogo, e mesmo do reformador” (p. 100).

Desde seu texto inaugural, *O Hífen na Barra* [1972], **Magno** aborda o tema do espelho e sua reflexão. E em 1978, volta a tratar da *Topologia do Espelho*. Aí estão já bem delineados os elementos que vão embasar sua abordagem avançada do Estádio do Espelho, de Lacan. O que está em jogo na experiência do *infans* diante de sua imagem no espelho é o *olhar*. O “olhar daquela figura fazendo sobre [ele] o mesmo que [ele] está tentando fazer sobre ela” ([1978], p. 126). Ou seja, ele põe “um espelho não no lugar onde o espelho estava, e sim no lugar onde

está o olhar”. E o olhar é “aquela coisa que torna a perguntar, torna refletir a reflexão do espelho, que se impõe como reflexão, como atitude reflexiva sobre a figura [do *infans*]” (p. 127).

Depois de falar sobre a “topologia unilátera da superfície do espelho” ([1978], p. 140) – isto é, o espelho como banda de Moebius –, diz que a criança “só tem a garantia de que, radicalmente, ela é espelho” (p. 141). Há um vazio aí, pois “o espelho não tem imagem, o que tem é o que se põe diante dele” (p. 149). E o que se disponibiliza como possível, já que não se passa para o outro lado do espelho, é uma aproximação assintótica: “Quando dou de cara com espelho, porque ele é banda de Moebius, volto ao mesmo lado e fico eternamente nessa travessia, de dar de cara com o espelho” (p. 140). Assim, a imagem que será chamada de *Eu* nessa operação, ainda que se coagule num ego para o *infans*, estará na dependência de que “não apreendemos a imagem a não ser pensando no espelho, e não apreendemos o espelho a não ser pensando na imagem”. Importante aí é que, para o *eu*, “quando pensamos na imagem, ela, pelo olhar, troca de lugar para o lugar do espelho e começa a escandir adiante” (p. 142) num processo sem fim.

Cinco anos depois, em [1983], diz Magno que, no Estádio do Espelho, trata-se para o *infans* do “reconhecimento de ser ele próprio reflexivo” (p. 24) tal qual a reflexão que ele experiencia

em sua imagem refletida no espelho. Há “um ‘espelho interno’ que se funda, como que do outro introjetado” (p. 23). Magno está interessado em compor a experiência do Estádio do Espelho como “máquina mínima de reflexão” inclusiva dos conceitos de Revirão e de Ponto Bífido que introduzira no ano anterior: “é *no* espelho que o sujeito se instala como bifidamente sexuado pela lâmina uniface de reflexão” (p. 27).

Mais cinco anos depois, em [1988], temos certa finalização desses raciocínios mediante as noções de *Estalo* e de *Epitáfio* do Espelho. O *estalo* diz respeito ao júbilo do *infans* ao se reconhecer tão reflexivo quanto o espelho, mas com a precisão de que se trata aí do “encontro de uma catoptria com outra” (p. 32) propiciado pela flexibilidade do próprio espelho. Este é um momento traumático (p. 42), aliás. O interesse está em enfatizar a incidência do Princípio de Catoptria (organizador de todo o arcabouço da Nova Psicanálise) no âmbito da formação mental e biológica do *infans*.

Já o *epitáfio* diz respeito a que, “no evento da reflexão é que jaz o sujeito para aquém e para além de nascimento e morte do macacão que o suporta”. (...) “A morte, que não há, parece que suspende o falante nesse processo de reflexão sobre essa superfície de reviramento” ([1988], p. 44). E dessa suspensão decorrente da impossibilidade da morte – ainda que desejada

pelo movimento pulsional ($A \rightarrow \tilde{A}$) – obtém-se o “atingimento reflexivo de uma INDIFERENÇA perante as diferenças no campo do Haver” (p. 44).

Após essa inserção da morte como impossível e do atingimento da Indiferença, Magno traz outro apontamento importante quanto ao *eu* no processo reflexivo: “Para além de qualquer força mais ou menos etologicamente circunscrita do macaco (...) há um *eu mesmo*, que não é solipsista, mim mesmo, e sim *eu* função reflexiva, eu catoptria que se garante ali nesse aparelho (*self*) reflexivo” ([1988], p. 44).

Oito anos depois, em [2006], Magno aborda a descoberta dos neurônios-espelho, que lhe interessam bastante por referendar a ideia que já havia indicado de que um dia descobririam o “Revirão no cérebro” (p. 87). Mais do que isso, referenda sua aposta na “ideia de função catóptrica” (diferente de função especular [esta sendo a correspondência ponto a ponto das duas imagens]) e na lógica do Revirão (p. 88). A função catóptrica é “a reversão lógica contida no Revirão diante da imagem no espelho” (p. 88) e traz a questão do avessamento (e não a questão especular). Daí por diante, a ênfase dos raciocínios de Magno estará em buscar definir cada vez mais precisamente o Princípio de Catoptria.

↓

CONSIDERAÇÕES

Como o roteiro acima buscava destacar raciocínios básicos da relação entre IdioFormação e Eu, é cabível acrescentar uma referência de Magno [1997] ao pensamento de Mestre Eckhart. Este, após levar a ideia de Deus às últimas consequências, chega à conclusão de que Deus “começa a funcionar como Eu. Deus é eu” (p. 94). Seu procedimento foi mostrar que “Deus é aquilo de que ‘devo’ me aproximar, é uma instância qualquer que vai abolindo todas as formações valorativas sobre as diferenças” (p. 94). E mais, que Deus “passa a ser uma instância última da qual sinto ‘dever’ ou querer me aproximar, pois é a cara de eu mesmo. Eu mesmo, não faço a menor ideia de quem seja” (p. 95).

Esta afirmação é da mesma ordem daquela de nove anos antes [1988] já mencionada: “Para além de qualquer força mais ou menos etologicamente circunscrita do macaco (...) há um *eu mesmo*, que não é solipsista, mim mesmo, e sim *eu* função reflexiva, eu catoptria que se garante ali nesse aparelho (*self*) reflexivo” ([1988], p. 44).

Assim, afirmações posteriores de que “Eu é tudo” e de que a Pessoa diz “Eu”, mas não existe como “pessoa Eu” ([2004], p. 113) mostram-se apenas como uma aparente contradição. A Pessoa encarna vários papéis, mas “uma vez que há

HiperDeterminação, neutraliza o papel” (p. 111). Ou seja, como já fora colocado em [1996], “EU, não sou lhufas. Eu é um amontoado de formações, inteiramente idiotas, repetitivas, sintomatizadas, viciadas, habituais, que tem a chance, uma vez ou outra, de ser suspenso ou mesmo revirado pela HiperDeterminação” (p. 399).

É, portanto, útil entender *Eu* acompanhando a dupla operação indicada no Estádio do Espelho. Vimos que o *infans* se assume como *Je*, como Eu, o que, por um lado, tampona a referência à sua não-marcação primordial, sua referência ao Originário (diferente de um chimpanzé que já tem marcações etológicas definidas), e o coloca no desempenho, na “riqueza, [n]a complexidade sígnica que é capaz de fazer sonho, ato falho, etc.” e faz com que frequentemente evite “levar a série tão longe e voltar pelo lado oposto” ([1988], p. 52). Ou seja, evite acessar, recorrer ao Revirão que há na reflexão de sua imagem no espelho – o que é a outra operação ocorrida no Estádio do Espelho. Aí, para Magno, suspende-se, ou melhor, indiferencia-se, ainda que por um instante, o que Lacan apontara como a “identidade alienante, que vai marcar com sua estrutura rígida” o desenvolvimento mental do *infans* (p. 97). Resultante dessa Indiferenciação, temos, então, o Eu como função reflexiva, catóptrica.

A dupla operação do Eu – como identidade alienante e função catóptrica – só pode ser entendida a partir da experiência de *ápice* da mente. Daí a menção ao Mestre Eckhart, aquele que exemplarmente expõe essa experiência ao dizer “Deus é Eu”. É ela que está na base do “estatuto místico da psicanálise”, colocado por Magno em ([1992], p. 137). É a partir do entendimento dessa experiência de *ápice* que é preciso acompanhar a montagem conceitual da Nova Psicanálise. Caso contrário, os raciocínios restarão apenas no âmbito da riqueza *sígnica* mencionada antes, a qual, mesmo sendo complexa, não dá conta do cerne das ocorrências do psiquismo.

Finalizando estas anotações, registre-se que, para Magno, os três momentos de *ápice* da mente mais importantes na história do pensamento são: Laozi, com o *Dao De Jing*; Eckhart (Deus é Eu); e Freud, com o Inconsciente.

Referências

[As datas entre colchetes se referem à primeira exposição oral ou publicação dos textos]

1. WALLON, Henri. [1931] Comment se développe chez l'enfant la notion du corps propre. In: *Enfance*, tome 16, n°1-2, 1963. Henri Wallon. Buts et méthodes de la psychologie. p. 121-150:
<https://doi.org/10.3406/enfan.1963.2318>
https://www.persee.fr/doc/enfan_0013-7545_1963_num_16_1_2318

2. LACAN, Jacques. [1936-1949] Le Stade du miroir comme formateur de la fonction du Je; telle qu'elle nous est révélée dans l'expérience psychanalytique. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966. p. 93-100

3. MAGNO, MD. [1972] O Hífen na Barra. In: *Senso Contra Censo: da obra de-arte, etc.* 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2009. p. 117-129. E-book

_____. [1974] O Triunfo do Olhar. In: *Senso Contra Censo: da obra de-arte, etc.* 2ed. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2009. p. 219-234. E-book

_____. [1978] A Topologia do Espelho. In: *Ad Sorores Quatuor: Os Quatro Discursos de Lacan*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2007. p. 123-150. E-book

_____. [1983] A Reflexão. In: *Ordem e Progresso: Por Dom e Regresso*. 2ed. Rio de Janeiro: Aoutra, 1987. p. 20-28

_____. [1988a] O Estalo do Espelho. In: *De Mysterio Magno: a Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. p. 30-44

_____. [1988b] O Epitáfio do Espelho. In: *De Mysterio Magno: a Nova Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. p. 44-53

_____. [1992] *Pedagogia Freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. [1996] *"Psychopathia Sexualis"*: Santa Maria/RS: Editora UFSM, 2000.

_____. [1997] *Comunicação e Cultura na Era Global*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2005.

_____. [2006] *AmaZonas: a Psicanálise de A a Z*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2008. [itens 25 a 30] p. 86-98

_____. [2014] *SóPapos 2014*. Rio de Janeiro: NovaMente editora, 2019. [item 23: passagem do especular para o catóptrico] p. 170-175